

MARRUÁ

José Liberato Costa Póvoa

O S É A S

FACULDADE DE DIREITO

Parece que era Jordão. Parece, não: era Jordão mesmo. Ficou famoso em todo o sertão de Conceição do Norte esse marruá terrível, que sua valentia não respeitava gente, montado ou de a pé.

Azulego, pesadão, olhos de beirada rajada (sintoma de valentia), chifres assim meio combucos e descascados de brigar com os cupins da chapada no descarrego da raiva, a fera pertencia ao criatório de Rafael Cardoso, na fazenda Barra Nova. O mais corajudo dos vaqueiros tremia quando avistava o zebuzão, sempre de orelha empinada e aspecto de majestade, surgiu numa entrada de capão ou nas fraldas de um tableiro.

Jordão, que despontava tanto pelo porte como pelo enraivamento, ganhou fama nas redondezas, não respeitando limites: pastava na Barra Nova, no Carrinho, no Sucruíú, no Engenho, onde bem lhe apetecia assistir uma vaca no cio.

Quem via o garrotão maludo supunha até que ele já nascera brabo no mato, sem conhecer relho de curral, e não chegara do Sul num magote de tourinhos, manso até onde chegava a mansidão no zebu. Com facilidade se enlotara com as vacas de Rafael, que o comprara a bom dinheiro. E o nome trazido pelo boiadeiro casou com justeza no tourinho, que cedo ganhou corpo e tomou influência nas malocas, de sorte que não era muito amante de deixar seu pasto para esbrugar curral. Sucedeu que vis-a-vis com a Barra Nova, o gado do Angical, de Quincalmeida,

era misturado com umas brabezas, que estavam excomungadas botando o gado a perder. No meio dessas brabezas, que pastavam nos limites das duas fazendas, Quincalmeida tinha uns dois ou três pachecos enciumados, que danaram a bater no zebu de Rafael, esguaritando-o do pasto, que zebu nunca foi de fazer frente a raiva de curraleiro. E Jordão passou a viver andejo, sem tomar chegada na fazenda, esconjurando curral. De início, vinha no coice da boiada, mas ante a aproximação do vaquejador da Barra Nova, dava uma coisa e desembestava de volta, balançando o cupim num choto resoluto, descomprometido e mole. E a complacência de Rafael, dizendo que «deixe pra lá, que depois a gente pega» é que viciou o marruá, levando-o à brabeza. Tão brabo ficou, que bastava alguém falar «Jordão», que o monstro riscava em riba.

Não foi um, nem dois, nem dez vaqueiros que tentaram amansá-lo. Quando muito, conseguiam tangê-lo junto com o magote até coisa de tarefa e meia, e o terroroso marruá lá especava cismado, esperando o vaqueiro, que só se aventurava a encostar quando pensava que sua fama era só abuso do povo. Quando isto acontecia, a besta-fera avançava sobre o cavaleiro, não respeitando vara de ferrão nem os gritos de «Oa! Oa!», derubando na marrada cavalo e cavaleiro, e o pé de pau mais perto é que era a salvação.

Rafael Cardoso, a bem dizer, não desfrutava de seu touro, pois o espírito andejo do bicho carregava-o para malocas alheias, a obra de légua e meia e às vezes duas arredado da Barra Nova, para frutificar noutra fazenda.

Com a fama do touro, os mais afoitos refugavam na missão (de certo modo de vida ou morte), que se o maludo garrote pegasse alguém de jeito, era capaz de esmagalhar numa desigual refrega. E Rafael deu no cobó: que diabo de lugar de gente frouxa, que nem coragem tinha de campear uma brabeza? Ele mesmo não tinha natureza de ir lá no mato ao menos mostrar, cá de longe, o ponto consinado de seu animal.

Uns chegaram a tanger o esquisito até perto, mas quando ele desconfiava que estava sendo levado para o curral, amuava, e não havia «Ê, boi!» nem ferrão que o fizesse arredar dali, a

não ser para uma carreira certa e linheira no tangedor, botando-o no olho do pau, que ninguém era mané de enfrentar no chão aquele trem danado de furioso.

Foi indo, foi indo, Rafael já estava quase largando de mão aquela pegação do touro, a ponto de entregá-lo para o Divino, para ver se assim o Espírito Santo pelo menos tirava a natureza maluda do marruá e salvava o nome dele — Rafael, que já estava entrando na conta de descuidoso de gado seu.

Entrementes, Jordão viciou em atacar toda nação de gente: pastando às vezes na beira da estrada cavaleira, não raro corria a nova de que gente vivia se escusando de andar por aqueles lugares, porque o touro azulego semeava o pânico.

Rafael foi atrás de gente traquejada em campeação, mas muitos, amofinados, davam as costas como respostas.

Já estava em vias de apelar para o sagrado e dar o garrote para o Divino, quando numa conversa meio sem propósito surgiu uma esperança, a derradeira, de tentar pegar o touro brabo: ouviu falar que Joaquim Toma andava pelas beiradas de Taipas, um cabra desacismado que mesmo não sendo vaqueiro tinha deitado fama na pegação de gado brabo.

Rafael mandou um positivo. Mandou, não; minto: foi lá, atrás do homem, que era um treiteiro de refinada fama, que, de tanto passar o quinau nos outros e viver tomando coisa alheia ganhou o nome de Joaquim Toma.

Mas como para a missão de gado maludo não carecia bons antecedentes, mas coragem, Rafael tomou chegada e, como quem não quer querendo, deu entrada:

— Dizendo o povo, você é home de não mijar na escorva.

Joaquim levantou a aba do chapéu de couro, olhou-o com olhar de espingardeiro, cuspiu de banda e desconfiou:

— É o tal Jordão?

— Uai, e é mesmo! — era Rafael — Cuma é que cê divinhô?

— Me contaram. Aliás, jogaram na minha cara que eu não era macho de topar aquele alefante seu.

— O touro, seu Rafael, é caso meu. Me espere amanhã cedo, que chego na Barra Nova.

Rafael clareou as vistas, esperançoso, e sabedor de que Joaquim era tihoso, fez foi inventar uma loa de que ele —Rafael também duvidava da coragice do pegador de trem brabo, apesar da gavação do povo:

— A pois, vamo prová se o causo fica assim nos conforme, que comigo não tem conforme: vou pegá o bicho! Ancê tem cavalo bom?

— Quer dizer que tenho.

— Vara de ferrão?

— E muito boa! — Rafael ficou foi satisfeito.

Para quem pegava brabeza a mil réis a cabeça, a oferta de dez mil réis pela pega do novilho clareou as vistas do peão, ainda mais que Rafael estava com oito vaqueiros apalavrados para qualquer eventualidade. E Joaquim Toma, com a confiança de quem conhecia por dentro e por fora cisma de bicho amuado, foi logo pisando no pescoço da conversa com disposição:

Rafael arrepiou estrada de volta, sem muita crença de início, por conta da propaganda de Joaquim Toma, mulato mais chegado a negro, fornido e famoso, mas, à medida que viajava e se lembrava de cada aventura bem sucedida de Joaquim, ia se convencendo de que a poesia do homem tinha fundamento.

Mal clareou o dia, Joaquim Toma bateu na porteira do curral da Barra Nova, onde Rafael tirava leite, e já chegou apatrocado de perneira, gibão, peitoral e chapéu de couro, moda que ele usava nas missões de campear nas capoeiras embaraçadas de espinho e japecanga.

— Bom dia! — ele salvou Rafael.

— Dia! Vei mesmo, né?

— Sou lá home de palpá fogo?! — respondeu Joaquim já se acomodando de lado no cabeçote da sela.

— Disapeia mode cumê o leite com beiju.

— A demora é pouca. E o marruco?

O homem estava era disposto. Só apeou para quebrar o jejum, enquanto um dos vaqueiros conversados arreava o cavalo

baio para levar o homem à querência de Jordão. Ali já estava esperando um bando de gente conhecedora do touro e que já briquitara muitas vezes na vã ilusão de encurralar a fera: Rafael, seus filhos Antenor e Santo Cardoso, o genro Adão, o primo Pedro Cardoso, Edirson do Engenho, Clotildo do Sucruíu e Tuna, que viera decretado de Taguatinga, e mais o cachorro Presente, que Edirson tinha por afamado em sojigar pelas ventas animal brabo para o vaqueiro botar o laço com a mão.

Tomaram o café, pitaram, cogitaram do pasto do garrote, coisa que o próprio dono não sabia, porque o bicho não tinha ponto consinado. Mas não carecia revirar muito juízo: as notícias logo-logo iam dar seu paradeiro. Escancharam e ganharam mundo, procurando aqui, perguntando ali, até que alguém lhes apontou com segurança:

— Vi ele entrando hoje cedo na enseada do corgo da Rapadura.

Era ali perto. A enseada era qualquer coisa de monstruosa em tamanho e trançada de cipó de um tanto, que era preciso entrar desbravando a facção. Havia lugares em que só se entrava de quatro pés, e de pau, só pequizeiro e pé de embiruçu.

Joaquim Toma e a companheirada pegaram a batida do gado entrando na enseada, e não tardou a enxergarem o rastro enorme de Jordão, que lá adiante esguaritou do magote, apanhando outro roteiro.

De certo ponto em diante, o cavalo atrapalhava, e eles prosseguiram de a pé, puxando as montarias, assuntando entre a folhagem qualquer motivo do touro.

O sol coava por entre a folhagem um rendilhado no chão, e Joaquim Toma, ferrão em punho, seguia cautelosamente, pois sabia que a qualquer momento a mancha azulega do temível touro apareceria à frente.

Caminharam coisa de três a quatro tarefas na batida do animal, calangreando no rumo do córrego da Rapadura, esperando encontrá-lo na bebida, apesar de ainda cedo, que gado andejo e desmalocado não tem hora certa de matar a sede. Faltando distancinha de grito para pegarem a ribanceira, os cuidados se

redobraram: foram seguindo pé ante pé, para que o roçar das folhas secas nos cascos dos animais não despertasse a atenção do trem maludo. E para que o faro do bicho não os pegasse de supetão, espalharam-se, com o trato de dar o sinal quem topasse com a besta-fera.

Quando menos se esperou, um arrufo medonho gelou o sangue de Clotildo, que não teve outro remédio senão ganhar o primeiro pé de pau e gritar, enquanto a fera riscava soprando e levantando poeira:

— O bicho taqui! Corre, Joaquim, corre cá!

Foi o bastante. Joaquim Toma pegou o ferrão, conferiu o encastão, montou no baio e rasgou cipó no rumo do apelo. Os companheiros ficaram cá mesmo: o caso era da jurisdição de Joaquim.

O quebra-pau em cima de Clotildo ecoou na enseada, e cada um dos vaqueiros pareceu sentir o touro nos calcanhares: Antenor saiu quebrando garrancho nos peitos, seguido de Adão, cujo bater das perneiras era escrito o despingolar do touro em seu encaço, sucedendo que ao sair no limpo Antenor estava só de esporas, que as roupas mesmo haviam ficado nas unhas do cipóal medonho.

Lá estava o marruá, imponente, variado, tentando localizar no vento Clotildo pelos gritos, bufando e cavando o chão com as patas dianteiras, em atitude de desafio, como se estivesse com o Sujo debaixo do couro azulado.

Quando as folhas secas barulharam com a aproximação de Joaquim, o touro baixou a cabeça e avançou quebrando vaqueta pra cima do peão, que, prevenido, recebeu a fera na ponta do ferrão. O bicho, ferroadado, refugou, deu meia-volta berrando rairoso e preparou nova arremetida, atrapalhando-se com a investida de Presente, que lhe fisgou a venta, no que foi infeliz, pois um safanão de cabeça atçou pra cima o renitente cachorro, aparando-o no ar, justamente de encontro a um pé de embiruçu, imprensando-o, que o cachorro só foi cachorro coisa de três dias.

Ao dar cabo do cachorro, que ficou ali apenas folguejando, Jordão virou-se de soco e arremeteu-se contra o peão, jogando-o com cavalo e tudo ribanceira abaixo, mas só foi o cavalo, que

Joaquim não chegou a ir até o chão, caindo em pé, de ferrão armado, pronto para receber o patueiro. Nesse momento, livrou-se de perneira, gibão, peitoral e chapéu de couro, ficando só de calção e botina, com os alforjes cheios de pedra passados no ombro, que animal raivoso só respeita pedra pra sair de amuação. E sustentou renhida luta, que lembrava Hércules enfrentando o touro de Creta.

Cá de fora, do limpo, os companheiros só ouviam os estralos de pau quebrando no meio da enseada fechada e o tendepá do touro esturrando raivoso aparado na ponta do ferrão, àquela altura já despido do encastão e com coisa de plegada e meia de ponta viva. O grito autoritário do bravo Joaquim Toma ralhando com o touro diziam que a peleja estava parelha, pois a brabeza e a brutalidade da fera encontravam escora na disposição e na coragem do peão, que já se tornara lenda ao domar o lendário Zói Vermelho do Angical. Cada ferroadada era escrito um tiro de vinte-e-dois para quem não conhecia a chuçada certa e segura de Joaquim Toma.

Quando o sol começou a derrear, sumindo na copa dos paus mais altos, houve uma trégua, e ao tomarem chegada, os companheiros viram peão e animal vencidos pelo cansaço: de um lado, Jordão, todo picado, desde a tábua do pescoço até o encaixe do cupim, a cabeça crescida pelo inchaço, couro encardido de sangue, com toda sua imponência e majestade perdidas na ponta do aguilhão; do outro, Joaquim Toma, encostado num pé de embiruçu, escorado na vara de ferrão com a ponta lavada de sangue e atopetada de cabelo, ar cansado, mas com a consciência da vitória sobre o legendário marruá de Rafael Cardoso, após mais de oito horas de dura refrega.

Laçado e derrubado, ataram-no a um corpulento boi-de-carro e a pulso foi levado para o curral da Barra Nova.

Vendido para um boiadeiro, tocaram-no para Formosa. No tanger da boiada, já perto de Campos Belos, a meio caminho do destino, uma camioneta que trafegava pela rodagem, alheia aos apelos dos tangedores, dividiu a gadama pelo meio, mas só chegou até Jordão, única rês a não desocupar a estrada. Relembrando sua antiga majestade, escorou o carro, que, parado, rece-



beu violentas marradas na lataria, arrebetando os pára-lamas, as portas e os faróis, que o camioneteiro, escapo por milagre de Deus, nem razão teve para reclamar paga de prejuízo.

O fato serviu para despertar no marruá a antiga imponência, fazendo-o sentir-se imbatível de novo, como se lhe tivesse, num derrepente, renascido a veneta, e não houve peão que lhe tomasse a frente. Só foi até ali. Nem um passo mais. Dali voltou desembestado.

Dias depois, encontraram o bravo touro na beira do Palma, nas terras da Chuva de Manga, perto de seu domínio de antes. Morrera afogado, na tentativa de voltar à liberdade. A correnteza do Palma minara suas forças, e o barranco escarpado fora sua desgraça.

Mas o nome de Jordão virou lenda. Bem assim Joaquim Toma, que morreu numa festa num lugar por nome Paraiso, matado por um senhor de Josiano, que nem mesmo o conhecia.